

AS REDES DO ENTREMUNDOS: imagens de migrantes goianienses  
numa metrópole dos EUA

*LAS REDS DE LO ENTREMUNDOS: imagens de migrantes goianienses  
en una metropolis de los EUA*

*THE ENTREMUNDOS NETWORKS: imigrants images for goianienses in  
USA metropolis*

Pablo Sebastian Moreira Fernandez

Bolsista CnpQ. Integrante do Projeto “Cidades e Práticas Espaciais: diferentes dinâmicas em metrópoles  
brasileiras nacionais e regionais” (USP/ IESA-UFG).

Campus Samambaia - LABOTER, IESA/UFG. Caixa Postal 131, Goiânia – GO

E-mail: pablosmf@hotmail.com

Eguimar Felício Chaveiro

Professor Associado do Instituto de Estudos Sócio-ambientais da Universidade Federal de Goiás.

Campus Samambaia Caixa Postal 131. Goiânia – GO

E-mail: eguimar@hotmail.com

**Resumo**

A intenção deste texto é apresentar reflexões sobre as imagens e práticas espaciais de migrantes goianienses (providos da Região Metropolitana de Goiânia) que se fixaram na Região Metropolitana da Bay Area de San Francisco – Califórnia – EUA. Práticas espaciais que são impressas e fazem circular certas imagens metropolitanas: expressões da ambiguidade e das contradições – “do estar entre lugares” – comuns ao ser migrante, e que têm ganhado relevância pelo expressivo número de goianos, vivendo hoje, nesta metrópole. Entendendo a imagem migrante como expressão de culturas e geografias, agente produtor de discursos e falas sobre os lugares, conforme as considerações de Ferraz (2009), Gomes (2008), Oliveira Junior e Seeman (2009), empreendemos um estudo sobre a migração internacional nestas “redes de entremundos”. Imagens que perseguimos, que se apresentam repletas de significados e saberes espaciais, que circulam por meio de redes sociais complexas e aceleradas, e são partes das estratégias de sobrevivência utilizadas por estes sujeitos no processo de saída, de trânsito e de fixação, e que são aqui vistas a partir de uma leitura geográfica.

**Palavras-chave:** Imagens e práticas espaciais migrantes, Metrópoles, Goiânia – San Francisco, Redes sociais.

**Resumén:**

La intención de este trabajo es presentar reflexiones sobre las imágenes y las prácticas espaciales de Goianienses inmigrantes (procedentes de la zona metropolitana de

Goiânia) que se estabeleceron en el área metropolitana de San Francisco - California - EE.UU.. Prácticas espaciales que al ser impresas hacen circular ciertas imágenes metropolitanas: las expresiones de la ambigüedad y las contradicciones - "estar entre lugares" – comunes al ser migrante; que han ganado importancia debido al gran número de Goianienses que viven hoy en esta metrópoli. Al comprender la imagen migrante como una expresión de culturas y geografías, productora de discursos y diálogos sobre los lugares, como las consideraciones de Ferraz (2009), Gomes (2008), Junior Oliveira y Seeman (2009), realizamos un estudio sobre la migración internacional en estas "redes entremundos". Las imágenes que buscamos, que se presentan plenas de significados y saberes espaciales, que se mueven a través de redes sociales complejas y aceleradas, y que son parte de las estrategias de supervivencia utilizadas por esos sujetos en el proceso de salida, de tránsito y de establecerse.

**Palabras claves:** Imágenes y prácticas espaciales migrantes, Metrópolis, Goiânia - San Francisco, Redes sociales.

#### **Abstract:**

The intention of this paper is to present reflections on the images and spatial practices of migrants Goianiense (coming from Goiânia metropolitan area) who settled in the metropolitan area of San Francisco Bay Area - California - USA. Spatial practices that are printed and circulated in metropolitan: expressions of ambiguity and contradictions - "be among the places" - to be common migrant, which have gained importance and the significant number migrants founded Goiás, living today in this metropolis. Understanding image as an expression of migrant cultures and geographies, producer of speeches and talks about the places, as the considerations of Ferraz (2009), Gomes (2008), Oliveira Junior and Seeman (2009), we undertook a study on international migration these "Entremundos networks". Images that are pursuing that present full of meanings and knowledge space, moving through complex social networks and accelerated, and are part of the survival strategies used by these subjects in the process of exit, transit and setting.

**Key-works:** Images and spatial practices migrants, Metropolis, Goiânia – San Francisco, Social networks.

#### **Introdução**

Em termos absolutos o território goiano é o segundo da federação nacional a enviar trabalhadores para o “mundo rico desenvolvido”, em especial para a “América”. Tema que hoje ganha visibilidade, apresentado como problema para alguns (os que recebem tais fluxos ou os perdem) ou, para outros, como solução e possibilidade de inserção na metrópole global (do consumo, da realização). No caso da migração internacional de goianos para os Estados Unidos da América, ganha notoriedade o fluxo direcionado para o estado da Califórnia, pontualmente para a cidade de San Francisco

(iniciado nos anos 60), que tem sido tema e preocupação de muitas pesquisas realizadas no campo da Geografia, da Demografia e da Sociologia, de políticas públicas, de segurança e de trabalho, no que tange ambos os países.

Duas perguntas se interpenetram no bojo do objetivo do presente trabalho: quais são as imagens produzidas e como estas participam do processo de migração destes goianos para os EUA? E, de que forma estas imagens migrantes goianienses circulam e expressam as experiências territoriais da migração pela via das redes sociais e virtuais? São estas questões que nortearão nossas buscas para a compreensão deste fenômeno contemporâneo, construindo uma metodologia e caminhos epistemológicos neste estudo de imagens na Geografia.

Diante de uma considerável bibliografia sobre o tema “migrantes goianos”, como podemos ver nos trabalhos de Ribeiro (1998), sobre a situação de vulnerabilidade e ambiguidade social e trabalhista de goianos em San Francisco, apontando uma cidadania transnacional baseada na tradição do rural, no compadrismo e na família; de Almeida, sobre o retorno de ex-migrantes à Goiás (2009); e Rodrigues (2007), sobre o fator trabalho como principal motivador destes fluxos: ressignificar conceitos, ampliar e buscar novos entendimentos a partir das imagens construídas e veiculadas por estes migrantes. Imagens analisadas a partir de um olhar geográfico, entendendo que estes fluxos migratórios ganham visibilidade (e invisibilidade) enquanto fenômeno espacial, este expressando redes de estratégias, conflitos, desconhecimento, desejos e anseios destes sujeitos atores de um processo migratório que conecta dois mundos – metropolitanos – distintos.

### **Um primeiro olhar para a MetrÓpole a partir dos migrantes goianienses**

Pensar as imagens e práticas espaciais na/da metrÓpole torna-se o movimento inicial destas reflexões e escrita, partindo da constatação de que estas produzem uma rede de significados e sentidos de uma cultura migrante e urbana, que conecta dois espaços urbanos distintos: Goiânia, capital do estado de Goiás e a cidade de San Francisco, em especial a Bay Area<sup>1</sup>, integrante de uma significativa área metropolitana

---

<sup>1</sup> A Bay Área ou área da Baía é formada por dez condados sendo estes: Alameda, Contra Costa, San Francisco, Santa Clara, Santa Cruz, San Mateo, Solano, Sonoma, Marin e Napa. O recorte desta pesquisa é um grupo de migrantes que iniciou seu processo migratório em Goiânia a partir dos anos 80, e que

localizada na Costa Oeste dos Estados Unidos da América. É, a partir deste processo migratório, que se lançam olhares para a cidade, como espaço onde se desenlaça a vida, os encontros, as possibilidades de subversão, de transgressão das fronteiras e limites que se configuram em determinados contextos metropolitanos. Reconhecer estas práticas é também buscar o entendimento e o significado das imagens que estes sujeitos produzem ao viver e habitar uma metrópole. São traçados e trajetórias que produzem saberes espaciais e se apresentam como conexões intermetropolitanas.

Na tentativa de construir entendimentos sobre este trânsito entre metrópoles é proposto um diálogo com Ana Fani Alessandri Carlos (1996), considerando este fenômeno enquanto manifestação espacial do mundo contemporâneo (porém de raízes modernas), que se reproduz a partir da constituição de uma sociedade urbana, marcada pelo “aprofundamento da divisão espacial do trabalho, na ampliação do mercado mundial, na eliminação das fronteiras entre os Estados, e na generalização do mundo mercadoria” (CARLOS, 1996, p.55).

É diante desta nova divisão social e territorial mundializada que a metrópole contemporânea é povoada, por fluxos migrantes que se apresentam não só como mercadoria a ser trocada, negociada ou simplesmente reorganizada, mas como parte de uma estratégia de apropriação da cidade a ser expressa enquanto imagem na/da cidade. Além de se constituir em sua materialidade, a metrópole e as expressões do urbano são imagens (ideia que iremos perseguir), porém, não apenas aquelas construídas pela imaginação de seus habitantes, mas principalmente, aquelas exibidas por uma sociedade dita global e informacional, “que se reproduz numa relação de exterioridade em relação ao cidadão, revelando a alienação percebida na qualidade de estranhamento” (CARLOS, 2007).

Assim, as experiências urbanas<sup>2</sup> destes sujeitos migrantes são entendidas como parte constituinte da metrópole, e nos fazem pensar duas questões para um debate: este

---

elegeram como lugar de fixação este lugar que integra a grande Região Metropolitana Oakland-San Francisco-San Jose. Localizaria aqui como referência e fontes de dados iniciais, a pesquisa de Gustavo Lins Ribeiro (1998) realizada em 1996 com migrantes goianos nesta mesma região.

<sup>2</sup> Aqui retomamos o sentido atribuído por SIMMEL (1967, p.13) de que a cidade moderna cria um tipo humano desenraizado, indiferente e avesso ao outro. Fruto de uma mentalidade da vida metropolitana expressa numa atitude blasé que os protege de perigos típicos da metrópole como a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada. “Essa atitude mental dos metropolitanos um para com o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva” (SIMMEL, IDEM, p.17). É Walter Benjamin que discutirá a perda de profundidade da experiência humana nas sociedades urbanas a partir de uma mudança cognitiva e de sentidos iniciados na modernidade. Porém, aqui, a experiência se apresentará

estranhamento seria uma primeira tensão ou motivação a impulsionar o migrante a abandonar uma vida em Goiânia ou em seus lugares de origem? Ou, seria expressão de um processo de perda dos referenciais urbanos, em que o sujeito metropolitano não mais se reconhece na cidade devido o excesso de informações e imagens, da aceleração do tempo e das relações sociais efêmeras?

Surge aqui a primeira ambiguidade que despertará inúmeras contradições a este movimento migrante, pois ao mesmo tempo em que a cidade de origem pode ser a motivadora da partida, é ela quem ensina/ensinará o sujeito urbano a viver em qualquer outra cidade. A cidade contemporânea e global se torna parte de uma educação de sobrevivência urbana a este que parte da terra natal. O diferencial deste sujeito em relação àquele que sai do campo é a preparação para viver em conformidade com uma sociedade urbana, dado as tensões entre o público e o privado, entre o tempo do lazer e do trabalho, a proximidade e a contiguidade de certas situações, signos, imagens, relações e formas de proceder<sup>3</sup>.

A segunda ambiguidade se daria quanto ao estabelecimento de certas redes sociais<sup>4</sup> e de circulação de imagens ao conectar pontualmente certos lugares de Goiânia e da “Bay Area Sanfranciscana”. Relações de vizinhança, entre bairros, comunidades e familiares – marcadas pela proximidade e alguma ligação no lugar de origem – acabam por se reproduzirem no lugar de chegada. Estas redes se fortalecem e amadurecem; com o passar do tempo e a troca de imagens positivas, podem transformar-se em conexão para novos projetos e empreendimentos migratórios<sup>5</sup>.

São ainda os laços deste sujeito no local de chegada que financiarão a viagem, fornecerão o local de primeira moradia, os contatos de trabalho e as referências de

---

como possibilidade de descoberta do mundo, uma forma de conhecimento próximo do estar “exposto às intempéries de uma grande travessia” (BENJAMIN, 1995, p.146).

<sup>3</sup> É Georg Simmel (1967) quem irá utilizar a imagem do semáforo como norteador das relações entre os seres humanos nas grandes cidades, caracterizadas pela preponderância da atividade da vista sobre a do ouvido. Estes elementos visuais agiriam como instrumento educativo e cognitivo a auxiliar a configuração de um tipo humano pontual, calculista e exato.

<sup>4</sup> Sobre as redes sociais é de extrema relevância o estudo de Douglas Massey sobre as redes sociais de migrantes mexicanos em Los Angeles – Califórnia, cunhando o termo comunidades-filhas com relação à conexão e origem de certas comunidades. Ver ainda FUSCO (2001) e ASSIS (2002) sobre os migrantes brasileiros nos EUA.

<sup>5</sup> Conforme entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2010 através da internet com um jovem goianiense recém-migrado para os EUA, esta rede migratória era mais forte e ativa antes do atentado de 11 de setembro. “– Aqui, depois desta data tudo mudou: leis antimigração, o medo do terrorismo, a crise econômica americana de 2007, a oferta de emprego caiu. Não tem compensado mais vir, mas sempre chega uns gatos-pingados!”.

sobrevivência no lugar estranho. Desta forma, o lugar de chegada, amparado pela presença de recursos, tornar-se-á uma centralidade nesta rede de fluxos e de migração. Tal centralidade exercida será bem característica do processo de metropolização, pois:

(...) diz respeito à hierarquização do espaço a partir da dominação de centros que exercem sua função administrativa, jurídica, fiscal, policial e de gestão. A metrópole guarda uma centralidade em relação ao resto do território, dominando-o e articulando áreas imensas (CARLOS, 2007, p. 56).

Essa relação estabelecida entre as duas cidades é relevante a partir do momento em que se enxerga os limites e restrições à fluidez da mobilidade nestas redes, apresentando um conjunto de características metropolitanas no contexto da migração internacional, como: mudanças em padrões populacionais e econômicos, centralidade na conexão de serviços e atividades específicas, reordenação das redes urbanas, diversificação de funções comerciais e econômicas com outras partes da rede, e a mobilização de mão-de-obra, considerando a hierarquia urbana.

É ainda, constatada em entrevistas e pesquisas de campo, uma imagem singular de Goiânia enquanto metrópole regional: o estabelecimento de toda uma rede de serviços de mobilidade com agências de “viagem”, de documentação clandestina, financiamento e atravessadores (coyotes); esta que poderá ser utilizada pelos novos migrantes na tentativa de entrar na América. Indicadores que mostram um tipo de especialização do lugar, sendo expressivo o número de pessoas de outras cidades e lugares do interior de Goiás que buscam nesta metrópole, determinadas funções, serviços e objetos.

É, mais uma vez, nestas redes sociais em que se efetiva o contato entre imagens e lugares destas metrópoles, dado algumas características do mundo globalizante, como o aumento das possibilidades de comunicação e troca de informações entre espaços e pessoas distantes fisicamente. Assim, utilizamos a definição de Massey (1987), para esta "rede social" estabelecida na migração internacional de goianos, entendida como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a pontos de destino específicos num dado país.

Nesta aproximação acelerada entre as duas metrópoles surgem novas relações conflituosas, a partir do momento em que estas são utilizadas para a manutenção e reprodução de antigas relações sociais e espaciais, entre elas o patriarcalismo, o

machismo e as hierarquias sociais (como as que se apresentam nas relações de trabalho em que os migrantes já estabelecidos exploram seus conterrâneos recém-chegados).

Outra questão que se apresenta neste texto é quanto a forma que estas práticas sociais operam, conectam e criam relações (econômicas, sociais, políticas, informacionais,...) e redes entre as duas metrópoles – desiguais –, e que serão permeadas pela centralidade e pela hierarquia que ambas ocuparão nas redes de cidades globais. Dado este quadro, devemos reconhecer esta relação em certas imagens pretensamente cosmopolitas e positivas como as que expressam a inovação, a tecnologia e a posse das técnicas mais atuais, da fluidez do tempo e do acesso ao ecúmeno global; porém, será em certas imagens negativas que poderemos reconhecer as práticas espaciais destes sujeitos migrantes, apresentadas na forma das contradições e conflitos sociais existentes numa metrópole.

#### **O fluxo migratório e a organização das redes do Entremundos**

Lançar olhares e reconhecer sobre certas práticas espaciais e imagens migrantes na/da/entre metrópole, significa considerar as experiências e a história no fluxo migratório que estes goianienses consolidaram com a região metropolitana de San Francisco: redes constituídas a partir dos fluxos de informação e mercadorias entre lugares distantes – as tais redes do entremundos. Tal história de fluxos migratórios de goianos para San Francisco se originou na década de 1960, e criou elos entre esta cidade americana e Goiânia. Um exemplo destas imagens migrantes se apresenta no relato – “fragmento de narrativa” – de uma personagem encontrada na pesquisa de Ribeiro (1998, p.5): “Saí de Goiânia e de repente me encontrei em outra Goiânia!”.

Outro espaço no qual é possível reconhecer estas redes sociais é a internet, vista que atinge não mais um espaço virtual, mas sim comunitário, possibilitando a troca de informações e afetos, o encontro, ações de cooperação e solidariedade, como “cidades digitais” (LONDOÑO, 2009). Cidades-mundos em conexão real e que chegam à outra ponta mediada e mediatizada (JESÚS-BARBERO, 1998), repleta de intenções que vão do sucesso, da modernidade, do trabalho e do acesso à cidade ao seu oposto. Permeadas pela aceleração do tempo comum ao mundo desenvolvido, pois o “ritmo da metrópole é

aquele da velocidade contínua, de uma anamorfose que faz da fugacidade um espetáculo de imagens sem sentido” (CARLOS, 2007).

São nos chats, sites de comunidades e grupos, em propagandas e jornais bilíngues, os locais possíveis de encontrar imagens a dizer de uma rede social goiana em San Francisco: o arroz com pequi e o frango com guariroba dos restaurantes típicos, os shows de música sertaneja, pamonharias, salões de beleza, mercados que vendem biscoito de queijo caseiro, igrejas, tipos de trabalho, gírias, roupa e vestuário<sup>6</sup>.

Uma conexão dos lugares propiciada não só pelas divisas provindas do exterior, mas por uma conjunção de imagens conflituosas, a partir do momento em que tentam expressar proximidade física entre estes dois lugares: como se a metrópole norte-americana fosse logo ali, nas cercanias de Goiás. Ambiguidade a expressar as incertezas e dúvidas humanas, contraditórias, se considerado o contexto em que se dão estas práticas até os dias de hoje, de um expressivo número de goianos migrantes (RIBEIRO, 1998). Tal imagem reverbera e dá sentido a uma notícia jornalística encontrada num livro didático do ensino médio, no capítulo destinado à “Demografia de Goiás”:

A cidade de Daly City, no estado da Califórnia (EUA), foi batizada pelos goianos que vivem lá de Goiânia 2. “Outro dia fui ao banco e, numa fila de 15 pessoas, todos eram de Goiânia”, contou o mecânico Donizete Carneiro de Lima, 44 anos, que há três deixou pela segunda vez a cidade de Anápolis para viver na América (O Popular, 31 de março de 2002, In: Ribeiro e Medeiros, 2006).

Esta reportagem constrói uma imagem positiva (e pedagógica) deste lugar que é apresentado como territorialidade desta rede social, informacional, de imagens, com o significado que vai do acolhedor ao comum, ao falar deste movimento contraditório do mundo contemporâneo. Num primeiro olhar, a cidade de Daly City é um lugar seguro na grande metrópole para estes goianienses que vivem no outro mundo. Aí, uma primeira pista sobre o caráter ambíguo destas imagens migrantes que temos coletado e analisado: estas apresentam zonas que não são explícitas, são sombreadas. Reconhecendo um discurso naturalizador deste fenômeno social nesta imagem, o mito da Goiânia americana como cenário onde se desenrola a vida, deslocará “um contexto

---

<sup>6</sup> Citando uma imagem desta conexão a partir do relato de uma goianiense recém-chegada ao Brasil: “– Até calça jeans da Feira da Lua a gente encontra lá! O jeans de lá não cai bem no corpo da brasileira, ele é muito pequeno aí tem que trazer do Brasil!” (Entrevista realizada em dezembro de 2009).



social e cultural preciso para apresentá-los como gerais e absolutas” (GOMES, 2008a, p.196).

Uma gama de cenários se apresentará nas margens desta imagem, unindo lugares e ações contraditórias. A trama como método de análise (IDEM) destas imagens da metrópole, buscando reconhecer certas redes sociais migrantes e imagéticas. Prosseguindo, avistamos num jornal brasileiro na internet uma reportagem que continua a nos indicar caminhos sinuosos: “Sonho e morte no deserto. Mesmo após a morte de três pessoas nas areias americanas, goianos continuam arriscando a vida para fazer fortuna nos Estados Unidos” (Veja Online, 2004).

Duas fotografias, “quase coladas” no mesmo plano da tela, tentam ilustrar de modo real o drama destes migrantes. Na primeira imagem, o goiano que retornou com os sonhados dólares, no quadro, um personagem “satisfeito” em primeiro plano, diante de carro e casa luxuosos, ele está sorridente e bem vestido, confortável, numa pose pretensamente tranquila. Tal imagem, que interpretamos como positiva, em nada irá sugerir as ambiguidades e dificuldades do “ser migrante” no mundo americano. Ali, no espaço da imagem, não existem os riscos, medos, perigos, a possível deportação, o subemprego, as explorações, a violência e traumas da viagem, a morte, as perdas, a ilegalidade. Imagem positivada que remete ao sucesso da empreitada.



Figura 1: “O goiano Silvio Botelho, que voltou dos Estados Unidos com 500 000 reais”.  
Figura 2: “O sonho dele era ter o próprio negócio” (Fotografias e legendas extraídas de Veja Online).

De forma contraditória, a segunda imagem traz uma carga negativa de sentidos. A mãe que perdeu o filho na travessia pela fronteira, relembra o filho com “sonhos de sobreviver” à América, diante de um retrato (olhando mais profundamente se vê um homem sorridente diante de um automóvel). Sua pose é solene, como que prestasse

homenagem, adquirindo maiores significados a partir da legenda proposta. É o retrato do morto conectando estes lugares distantes<sup>7</sup>, revelando significados sombreados e não aparentes, presentes nas imagens positivas dos dólares e remessas, do consumo, dos automóveis e da casa própria, do casamento e do visto, do estudo, do trabalho regulamentado e da legalidade, da vida na metrópole internacional.

Ainda, acessando estas imagens migrantes de goianos, nos deparamos em uma busca no Youtube, com um jovem entregador de pizza, “faz de tudo” como ele se define: um “filmmaker” em primeira pessoa, narrador do cotidiano de uma comunidade migrante goiana em San Francisco. Somos guiados nesta cidade a partir de suas trajetórias (reais e fílmicas): os rostos e sotaques, a gíria reinventada, o trabalho e as relações de patronagem, os lugares e ruas de encontro, de trabalho e lazer, o churrasco com cerveja, a moradia nas “repúblicas”, o carro “importado”; as redes sociais ganhando materialidade em vídeos amadores produzidos e colocados em circulação por um sujeito integrante desta rede migrante.

Neste conjunto de imagens em movimento são apresentadas de modo positivo as dificuldades enfrentadas por este grupo de migrantes como algo a ser cotidianamente superado; as piadas, os palavrões “bilíngues”, os risos e as brincadeiras se tornam uma forma de resistência diante do mal patrão, da saudade do lugar deixado, “dos desencontros” com a comunidade hispano (aqui apresentada de forma preconceituosa como “chaparritos”), dos diversos trabalhos realizados para complementar a renda, e entre os próprios goianos. Num recorte do filme, elegemos a imagem de um segundo personagem segurando as chaves diante de um automóvel “porsche”: fotogramas que indicam uma estratégia de amenizar as ambiguidades de ser migrante, ao tempo que expressa a realização e a possibilidade de consumo.

Ambigüidade da condição do migrante, que para o sociólogo Abdelmalek Sayad (1998) parte do contexto em que a migração é um fenômeno que se constrói a partir da dissimulação de sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o que é de direito (provisório) e o que é de fato (definitivo) à sua condição, “a imigração

---

<sup>7</sup> O retrato dos familiares desolados diante do retrato do filho migrante morto ganha novos significados e reverbera nas redes a partir de incidentes ocorridos posteriormente a esta coleta imagética. A imagem circularia em noticiários e jornais após o assassinato de dois jovens mineiros na região da fronteira mexicana-americana, numa chacina resultante da guerra dos cartéis da droga. Entre as imagens deste evento, uma outra nos chama a atenção por apresentar corpos amarrados e decapitados num galpão abandonado.

condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se trata de um estado provisório que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45).



Figura 3: Fotogramas de vídeo do Youtube. “T. ta de porsche”. Consultado em Julho de 2010.

Destas imagens de lugares distintos que circulam e produzem significados, reconhecemos alguns valores destas “representações conflituosas” (FERRAZ, 2009, p.40) de uma cultura transformada pela rápida e recente modernização de Goiás (a partir dos anos 80). Imagens que ainda apresentam uma tradição dos valores familiares e de compadrismo, e suas redes e arranjos espaciais conservadores, ao mesmo tempo em que revelam inúmeras contradições: as migrações do campo para a cidade, os conflitos entre o espaço antigo e o tempo lento, entre o que é velho e novo, a reinvenção da família e o modo de vida urbano e metropolitano (CHAVEIRO, 2009, pp. 50-51), sendo uma cultura migrante marcada por uma “tradição rural onde os valores da vida familiar são altamente presentes” (RIBEIRO, 1998, p.5).

Deste modo, pode-se reconhecer a metrópole enquanto imagem multiplicada e possibilidade de mediação com os conflitos sociais, problemas e dilemas da cidade, ampliados pelas redes informacionais, porém reveladora do cotidiano, dos lugares e espaços da vida. Olhar para esta imagem migrante que conecta estas duas metrópoles é encarar que a metrópole é um fenômeno que nos situa diante da mundialidade, da globalidade e da constituição de uma sociedade urbana ainda em transformação. Estas imagens e práticas espaciais constroem novas centralidades e novos saberes espaciais.

## A migração entre metrópoles a partir do estudo das imagens na internet

A imagem é um mundo, “um efeito que se desencadeia” (BAUDRILARD, p.19 1989), e neste caso é construída por estes goianienses que habitam San Francisco. Sejam Fotografias (cartões postais, retratos e cenas enviadas aos parentes que ficam na terra natal ou apresentadas no Orkut, Facebook), sejam os Vídeos amadores postados no Youtube ou as reportagens, relatos, blogs em tons de diários: ambos são, nesta pesquisa, materializações a dizer de trajetórias e conhecimentos espaciais – expressões das experiências de trânsito da migração, da partida, da viagem ou dos lugares de chegada.

Quanto à imagem técnica, que em si já carrega uma gama de intencionalidades, de discursos não ingênuos, ela apresenta a realidade. A imagem é um tipo de texto que adensa inúmeros sentidos, significados e ideologias já pré-estabelecidas pela máquina e pelos modos da perspectiva. No caso da Fotografia que é um tipo de imagem técnica, a perspectiva será o imperativo e condicionará qualquer tentativa de fala, pois se apresenta como um “aparato intelectual e técnico, pensado como ciência, objetivamente produzido para aprisionar o real, reproduzi-lo e afirmar-se como sua única e competente representação” (ALMEIDA, 1999. p.123).

Estas imagens (não só as fotográficas) ou como nos diz o geógrafo Jorn Seeman (SEEMAN, 2009, p.47) ao se referir a estas como “geo-gráficos” irão compor e construir os territórios, lugares e paisagens a serem imaginadas por estes sujeitos em trânsito, com potência educativa, pois ensinam a estes sujeitos modos de experienciar os espaços. Estas imagens também adquirem sentido de trânsito, sendo a internet e outras tecnologias de informação e comunicação um território de mobilidade em que se desenrolam as redes sociais e a circulação destas imagens e lugares migrantes. Ainda por uma questão metodológica e epistemológica, a imagem é sempre material (como no caso das narrativas orais ou escritas, ou da memória, que se materializam como imaginação). Ela é (...) “uma obra palpável aos olhos. Material porque diz de formas impressas ou presentes em telas” (OLIVEIRA Jr, 2009). As imagens, enquanto fenômeno espacial, podem “(...) ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem –, quanto como objetos do mundo – obras da/na cultura” (IDEM, pp. 17-20, 2009).

No caso das imagens em movimento (os vídeos, telejornais, novelas) são transformadas em recorte, paisagens, personagens e lugares apresentados enquanto fotografia do filme. A fotografia ou o frame se tornam estáticas como um cenário em que o geógrafo tenta reconhecer as dimensões do espaço destes migrantes. É como indica o geógrafo Paulo César da Costa Gomes quanto à imagem enquanto um emaranhado de significados presentes nas tramas de certas cenas investigadas. Assim, neste exercício de leitura, devem-se buscar os elementos, formas, espacialidades, referentes que compõem a imagem, e tentar compreender os elementos: “ocultos ou não-explicitos”, que estão “presentes e participam da trama” (GOMES, 2008, p.203).

Após uma pesquisa em sites de busca direcionada a partir da combinação de palavras chave: migrantes goianos em San Francisco; deu-se o agrupamento destas imagens da internet. Em seguida, busca-se a interpretação dos discursos, que se tornam visíveis a partir de um primeiro lance de olhar. Daí o pesquisador lida com os sentidos denotativos e explícitos ou o que está aparente. É neste momento (o da leitura) em que “se dá uma vontade de viver lá” na imagem, de se visitar o lugar da fotografia (BARTHES, 1980, p.63). E ainda, consideramos os caminhos metodológicos de análise das imagens propostos por Erwin Panofsky (GOMES, 2008, p. 195): que hierarquiza o procedimento em três níveis ou momentos de compreensão, sendo o pré-iconográfico, o iconográfico e o iconológico, ou em momentos da descrição, da análise e da experiência podendo dar-se na compreensão das imagens.

Tais imagens devem ser desmontadas, desmistificadas, contrapostas, exercício que é conduzido pela reflexão de Jean Baudrillard (1989), para quem a “América” é um mito não mais narrado por meio de fábulas e histórias, mas um “mito veiculado por imagens”. E prossegue no encontro dos sentidos deste “mundo da imagem, do fascínio”:

Ele fascina e a fascinação é fatal, já que se sabe perfeitamente que ela leva a imersão e que, (...), ela dá vertigem, e, portanto, se mergulha e se imerge num mundo de que não se sai mais de forma alguma. Com isso nos EUA a imagem ganha certa materialidade (BAUDRILLARD, p.18, 1989).

E quando a imagem ganha materialidade o que é real desaparece, e a “idéia de América” torna-se um “biombo mágico” que fornece um novo modelo de vida baseado no efêmero, no fugidio, cuja “imagem pela imagem” faz parte do espetáculo e do simulacro. As imagens deixam de ser mediação entre o homem e o mundo, perdem o

sentido de mapas e distanciam os seres que habitam a cidade de suas cenas vividas, experienciadas.

Decifrar as cenas da imagem como significados do mundo, propor a distinção e a comparação de certos padrões e formas humanas (FERRARA, 1997), interpretar os sentidos e representações do espaço e dos seres que o habitam, é todo um exercício. E como propõe o filósofo Vilém Flusser ao dizer que as imagens são como superfícies que têm a intenção de representar algo; restaria à imaginação a capacidade “de abstração específica”, de compor e decifrar estas imagens (FLUSSER, p.7, 1985). Retomando o entendimento de que estas imagens migrantes são necessárias e responsáveis pela construção de alguns vínculos, estratégias territoriais. Seja para a sobrevivência, seja para a veiculação de um conjunto de informações e percepções que os indivíduos necessitam ou poderão utilizar durante o processo migratório.

### **Considerações finais**

Investir ao encontro destas imagens e práticas sociais migrantes nos leva a caminhos antes não percorridos. Inserindo-nos em fluxos informacionais tão complexos quanto as redes, hierarquias, organizações e contradições que se expressam e inserem a metrópole contemporânea no mundo globalizado. Uma conexão real feita de um fenômeno migratório ligando Goiânia a San Francisco; outra conexão virtual, comunicacional, imagética: que conecta expectativas, desejos, sonhos, fomenta imaginações e sobrepõem lugares.

São estruturas em rede que respeitam as regras e hierarquias metropolitanas: como pode a metrópole regional brasileira impor uma diferente relação de inclusão/exclusão diante da metrópole do primeiro mundo. Um primeiro indício diante deste quadro é: determinadas práticas espaciais definidas como “ilegais”. Pois elas podem nos dizer que o mundo “sem fronteiras” só existe realmente para poucos. E os meios de mobilidade virtual, da informação em rede, emergem como possibilidade de transposição de fronteiras, de conexão e mapeamento de caminhos e fluxos invisíveis, como estímulo à imaginação migrante que é uma forma de política e de resistência, parte de estratégias para a realização da mobilidade e do acesso aos lugares almejados.

Deve-se ainda considerar a conexão e troca de imagens entre estas duas metrópoles, como parte de uma hierarquia metropolitana, porém que é acessada pela parte considerada emissora de sujeitos indesejados. Estes migrantes ao se organizarem, ao fortalecerem os vínculos entre os lugares de origem e de destino, ao imprimirem certas necessidades de consumo, de realização, de futuro, expressarão em imagens sua existência. Pois para se tornarem cidadãos, devem organizar-se, tomar voz, expressar-se, reivindicar.

E qual a importância de se conhecer a imagem da metrópole goianiense a partir das experiências dos que partiram. Pensar quais traumas, motivações, e quais as imagens memoráveis, lembradas, rememoradas do lugar de partida. A casa dos pais, o bairro; os lugares significantes são apenas recordações ou, se tornam mediação da vida e das práticas espaciais na nova cidade. Viver em Goiânia ensina ao migrante o que é viver uma mentalidade metropolitana, e qual a influência desta referência no tipo de trabalho a ser exercido, nas relações a serem tecidas, na adaptação, na acolhida de novos migrantes. A metrópole para estes sujeitos não é só a forma e as funções metropolitanas: é sim uma forma de viver urbana complexa, são modos de vida metropolitanos.

Questionar estas imagens é também retomar a ideia de ambiguidade enquanto uma contradição presente no mundo metropolitano, porque ela expressará as incertezas, angústias e dúvidas do sujeito migrante exposto a intempéries do percurso. Imagens que se esbarram, pois, enquanto algumas apresentam o sucesso em forma do cartão postal de arquitetura moderna, da remessa de dólares ou o trabalho, o seu oposto ganha expressão, como as que dizem da violência, dos riscos, do fracasso em alcançar a metrópole mais rica. Pois, quanto mais os espaços são vivenciados, mais humanizados se tornam. E quanto mais contraditórios, mais se criam deslocamentos, trajetórias e fronteiras a serem transpostas. O modo da metrópole é formado por este acúmulo de vivências, impressões, percursos cotidianos: tanto materiais quanto imateriais.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: **Territorialidades na América Latina**. Org.: ALMEIDA, M. G. Goiânia: UFG-FUNAPE, 2009.

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ASSIS, Gláucia O. Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. In: **Textos NEPO**. n.41, UNICAMP: Campinas, Setembro de 2002.

BAUDRILARD, Jean. Depoimentos. In: **América**. PEIXOTO, Nelson Brissac. Companhia das Letras: São Paulo, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Baptista. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (v. 3).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo**. Hucitec: São Paulo, 1996.

-----, **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labor Edições, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar F. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: Ed.UCG, 2007.

FERRARA, Lucrecia D'alesio. Cidade: imagem e imaginário. In: **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Organização: Célia F. de Souza e Sandra J. Pesavento. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1997.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. In: **Proposições. Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias** (Organização: Oliveira Junior, W. M. Universidade Estadual de Campinas. FE – Campinas – SP, v.20, n.3, 9600, set./dez. 2009.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: **Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. Coordenadora Mary G. Castro. Brasília: CNPD, 2001 (pp. 421-441).

GOMES, Paulo César da Costa. Cenários para a Geografia: Sobre as espacialidades das imagens e suas significações. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia e Cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008a. (p. 187-210).

-----, GÓIS, M. P. F. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. **REVISTA CIDADES: Imagens da Cidade**. Vol.5, n.7, Presidente Prudente – SP: Grupo de Estudos Urbanos, 2008b.

JESÚS-BARBERO, Martín. Cidade Virtual: Novos cenários da comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (11): 53 a 67, jan./abr.1998.



LONDOÑO, Felipe César. Comunidades virtuales y nuevos territorios em red. In: **Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Org.: M. G. de Almeida e B. N. Cruz. Goiânia: UFG; Manizales: Universidad de Caldas, 2009.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda P. Maciel, R. Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, D. S. et al. **Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MORLEY, David. Pertenencias: lugar, espacio e identidad en un mundo mediatizado. In: ARFUCH, Leonor (org). **Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias**. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 131-161.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: **Pro-posições. Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias** (Organização: Oliveira Junior, W. M. Universidade Estadual de Campinas. FE – Campinas – SP, v.20, n.3, 9600, set./dez. 2009.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia: Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. In: **Série Antropologia**. n. 235. UNB: Brasília, 1998 (pp.1-22).

RIBEIRO, Miriam B. A.; MEDEIROS. **Redescobrimo Goiás: geografia e cultura**, São Paulo: FTD, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração: Ou os paradoxos da alteridade**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEEMAN, Jorn. Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens. In: **Pro-posições. Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias** (Organização: Oliveira Junior, W. M. Universidade Estadual de Campinas. FE – Campinas – SP, v.20, n.3, 9600, set./dez. 2009.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: **O Fenômeno Urbano**. Organização: Otávio Guilherme Velho. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1967.

VEJA ONLINE. Sonho e morte no deserto. Mesmo após a morte de três pessoas nas areias americanas, goianos continuam arriscando a vida para fazer fortuna nos Estados Unidos. Sociedade, Edição: 1864. Consultado em 28 de julho de 2004. [www.vejaonline.com.br](http://www.vejaonline.com.br).

Recebido para publicação em fevereiro de 2011.

Aprovado para publicação em março de 2011.